

O Empreendimento Inter-Kibutziano

— BEM, parece que um pouco falamos já de tudo. Há uma última coisa só, que exatamente no fim deve ser mencionada: o empreendimento inter-*kibutziano*. Isto quer dizer, sair dos limites econômicos e culturais da comunidade por sí, da qual falamos até agora, e lançar-se à organização de emprêsas e realizações conjuntas de todos os *kibutzim* de nossa região, com as enormes possibilidades em que isto implica.

— Isto possui também seus problemas, pois há que não esquecer que a condição para participarmos em empreendimentos regionais é uma grande solidificação prévia da comunidade em sí, em todos os terrenos, inclusive o econômico. Pois compreende-se que no futuro a atividade conjunta, pelas suas grandes promessas, acabará ocupando muitos de nossos melhores *chaverim*. Mas nossa base social é a comunidade do *kibutz* em sí, e para ela não se conhece substitutos regionais. Por isso, a solidez e a constante preocupação pela comunidade é uma das condições para empreendimentos regionais; senão, poderia acontecer termos erguido um belo edifício enfraquecendo-lhe a base por causa de sua beleza.

— Que empreendimentos regionais já existem?

— Eu começaria pelos não econômicos: nossas atividades culturais conjuntas. E isto eu não cesso de sublinhar. Porque somos um exemplo de Reunião de Diásporas, em nossa região. Há dois *kibutzim* de sabras, mas de gerações diferentes: Eres, de antigos combatentes da Palmach, e Nachal Os, da nova geração da Nachal, construído num lugar atrevido, a algumas centenas da cidade egípcia de Gaza. Nir Am, de veteranos poloneses e rumenos, Dorot, de veteranos alemães, Guivim, de sabras de movimento juvenil, Mefalsim e Bror Chail, da geração dos movimentos juvenis de após guerra na América do Sul, cada qual representando uma mentalidade específica. A comemoração conjunta de festividades, os coros regionais e os corpos de dansas folclóricas, as atividades ideológicas, tudo tende para o

amalgamento dêstes elementos de procedências diversas, e seu mútuo enriquecimento para criação dos novos valores culturais do país.

— Em seguida, as atividades educativas conjuntas, para as futuras classes mais velhas de nossos filhos. Existe já em funcionamento uma secretaria para as questões educacionais da região.

— E a grande promessa, a atividade econômica conjunta. Acho que êste é um dos caminhos naturais do *kibutz*, isto é, alcançar círculos de planificação de produção cada vez mais largos. Por enquanto, vivemos ainda no regime de iniciativa privada, cada *kibutz* relativamente independente dos demais. Mas creio que a comunidade se adaptará à nova situação, como já se adaptou a dezenas de outras que o desenvolvimento do *kibutz* criou.

CABEÇAS, CABEÇAS QUE SONHEM E QUE REALIZEM . . .

— O QUE mais precisam, para começar?

— Cabeças, cabeças para planificar, dirigir, trabalhar, em tais empreendimentos. O pensamento e a reflexão, tanto para aspirar por novas idéias, como para traduzir as aspirações em planos concretos e exatos. A inteligência científica, organizacional, trabalhadora, diretora, o homem que medite sôbre o conjunto e sôbre o detalhe, eis o que temos que desenvolver ao máximo. Todo o resto se arranjará. Nosso mais precioso capital não é nem a máquina, nem a terra, nem a água. É a cabeça pensante do homem. Não houve coisa, até hoje, que um *kibutz* não alcançasse, possuísse êle as inteligências que o ansiassem e o concretizassem em planos.

— O que já existe, no terreno da produção em conjunto?

— Já principiamos pelo Instituto de Secagem de Alfafa. Sete *kibutzim* participam nele, plantarão 1.000 dunams de alfafa, cada qual o mínimo de cem dunams. Os *kibutzim* semeam e irrigam a plantação, e fornecem também a mão de obra e os elementos de direção para o Instituto. A colheita e o transporte, é já o Instituto que faz. O govêrno financiou parte do empreendimento, cujo custo se eleva a umas 200.000 libras (110.000 dolares). Nesta primavera já tivemos, pois, alfafa, alimento importante para vacas e galinhas, pela sua grande proporção de proteínas e albuminas.

— E isso é apenas o primeiro passo. As possibilidades são imensas. Do plantio conjunto de cereais você já ouviu, suas grandes perspec-

tivas, pela possibilidade de compra e utilização de máquinas maiores e organização do trabalho em moldes muito mais largos. Junto com isto, virá uma estação central para máquinas agrícolas e tratores grandes. Por que os *kibutzim* precisam ter tôdas as máquinas agrícolas, se não as usam o tempo todo? E acompanhando isso tudo, uma oficina mecânica central.

— E daí para uma emprêsa de transportes conjunta, não é um passo? E daí para um encarregado central de compras para todos os *kibutzim*, em vez de cada *kibutz* possuir um, é grande a distância? E porque devem viajar os caminhões de leite diàriamente para Rechovot, a mais de uma hora de viagem? Um carro tanque de 10.000 litros, que recolhesse todo o leite da zona, não resolveria o problema que hoje emprega o trabalho de quase dez caminhões com seus dez *chaverim* guiando? E porque não outros empreendimentos conjuntos, ramos profissionais, fábricas?

— Bem, devagar, já estamos sonhando, não muito longe, mas muito depressa. Estas coisas andam devagar, cada *kibutz* as rumina longamente; afinal, além de judeus, somos camponeses, portanto duas vezes desconfiados. Mas que estas coisas surgirão, surgirão. Há tôdas as razões a seu favor.